

Requisito: Desenhar sobre a minha amizade com Jesus

AMOR A NOSSO SENHOR

O acontecimento de Fátima, para cada um dos Pastorinhos, desenvolve-se como um caminho progressivo de conhecimento e amizade com Jesus. Em primeiro lugar o Anjo e depois Maria são os ‘professores’ desta escola de amizade. Prostrado em terra, o Anjo ensina Lúcia, Francisco e Jacinta o caminho da oração humilde como caminho de intimidade com Deus, de coração a Coração, pondo-se totalmente na sua presença com confiança e abandono, e fazendo sua a compaixão que Deus sente pela humanidade. Com Maria, experimentarão profundamente o amor de Deus «naquela luz que nos meteu no peito», luz que os fará crescer e permanecer firmes na amizade de Jesus. No início da primeira aparição, Maria convida os Pastorinhos para um encontro: «Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero.» A cadência destes encontros com Maria, aos quais os Pastorinhos correspondem com fidelidade, leva-os a conhecer e a amar cada vez mais Jesus e a torná-los capazes de, como Ele, fazerem da vida um dom por amor. Essa amizade, vivida na intimidade e verdade de um coração de criança, levará Francisco a ver a tristeza de Jesus e a desejar consolá-lo; e à Jacinta, sentindo em si a compaixão de Jesus pela humanidade, a assumir muitos sacrifícios para colaborar com Ele na salvação de todos.

Das Memórias da Irmã Lúcia

Amor a Nosso Senhor

Como já disse, um dos seus jogos escolhidos era o das prendas. Como V. Ex.cia Rev.ma decerto sabe, quem ganha manda, ao que perde, fazer uma coisa qualquer que lhe parecer. Ela gostava de mandar correr atrás das borboletas até apanhar uma e levar-lha. Outras vezes, mandava procurar uma flor qualquer que ela escolhia. Um dia, jogávamos isto em casa de meus pais e tocou-me a mim mandá-la a ela. Meu irmão estava sentado a escrever junto duma mesa. Mandei-a, então, dar-lhe um abraço e um beijo, mas ela respondeu: – Isso, não! Manda-me outra coisa. Por que não me mandas beijar aquele Nosso Senhor que está ali? (era um crucifixo que havia pendurado na parede). – Pois sim – respondi. – Sobes acima duma cadeira, trazê-lo para aqui e, de joelhos, dás-lhe três abraços e três beijos: um pelo Francisco, outro por mim e outro por ti. – A Nosso Senhor dou todos quantos quiseres. E correu a buscar o crucifixo. Beijou-o e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela ação. Depois, olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta: – Por que está Nosso Senhor assim pregado numa cruz? – Porque morreu por nós. – Conta-me como foi. (*Memórias da Irmã Lúcia* 38-39)

Ao ouvir contar os sofrimentos de Nosso Senhor, a pequenina enterneceu-se e chorou. Muitas vezes, depois, pedia para lha repetir. Chorava com pena e dizia: – **Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais.** (MIL 40)

A Jacinta gostava também muito de agarrar os cordeirinhos brancos, sentar-se com eles no colo, abraçá-los, beijá-los e, à noite, trazê-los ao colo para casa, para que não se cansassem. Um dia, ao voltar para casa, meteu-se no meio do rebanho. – Jacinta – perguntei-lhe – para que vais aí, no meio das ovelhas? – **Para fazer como Nosso Senhor, que, naquele santinho que me deram, também está assim, no meio de muitas e com uma ao colo.** (MIL42)

Então Nossa Senhora disse-nos: – Não tenhais medo. Eu não vos faço mal. [...] **Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero.** Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez. [...] Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? – Sim, queremos. – Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto. Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: – **Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro.** (MIL 173-174)

- Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. **Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.** (MIL 141)

– Francisco, não queres vir a merendar? – Não. Comam vocês. – E a rezar o terço? – A rezar, depois vou. Torna-me a chamar. Quando voltei a chamá-lo, disse-me: – Venham vocês a rezar aqui pró pé de mim. Subimos para o cimo do penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos, e perguntei-lhe: – Mas que estás aqui a fazer tanto tempo? – Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos pecados! **Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria!** (MIL 142)

O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois, dizia: – Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! **Se eu O pudesse consolar!...** (MIL 145)

Quando, depois do dia 13 de setembro, lhe disse que em Outubro vinha também Nosso Senhor, ele mostrou grande alegria: – **Ai que bom! Só O vimos duas vezes ainda e eu gosto tanto d’Ele!** (MIL 147)

– Gostei muito de ver Nosso Senhor. Mas gostei mais de O ver naquela luz onde nós estávamos também. Daqui a pouco, já Nosso Senhor me leva lá pró pé d’Ele e, então, vejo-O sempre. (MIL 148)

